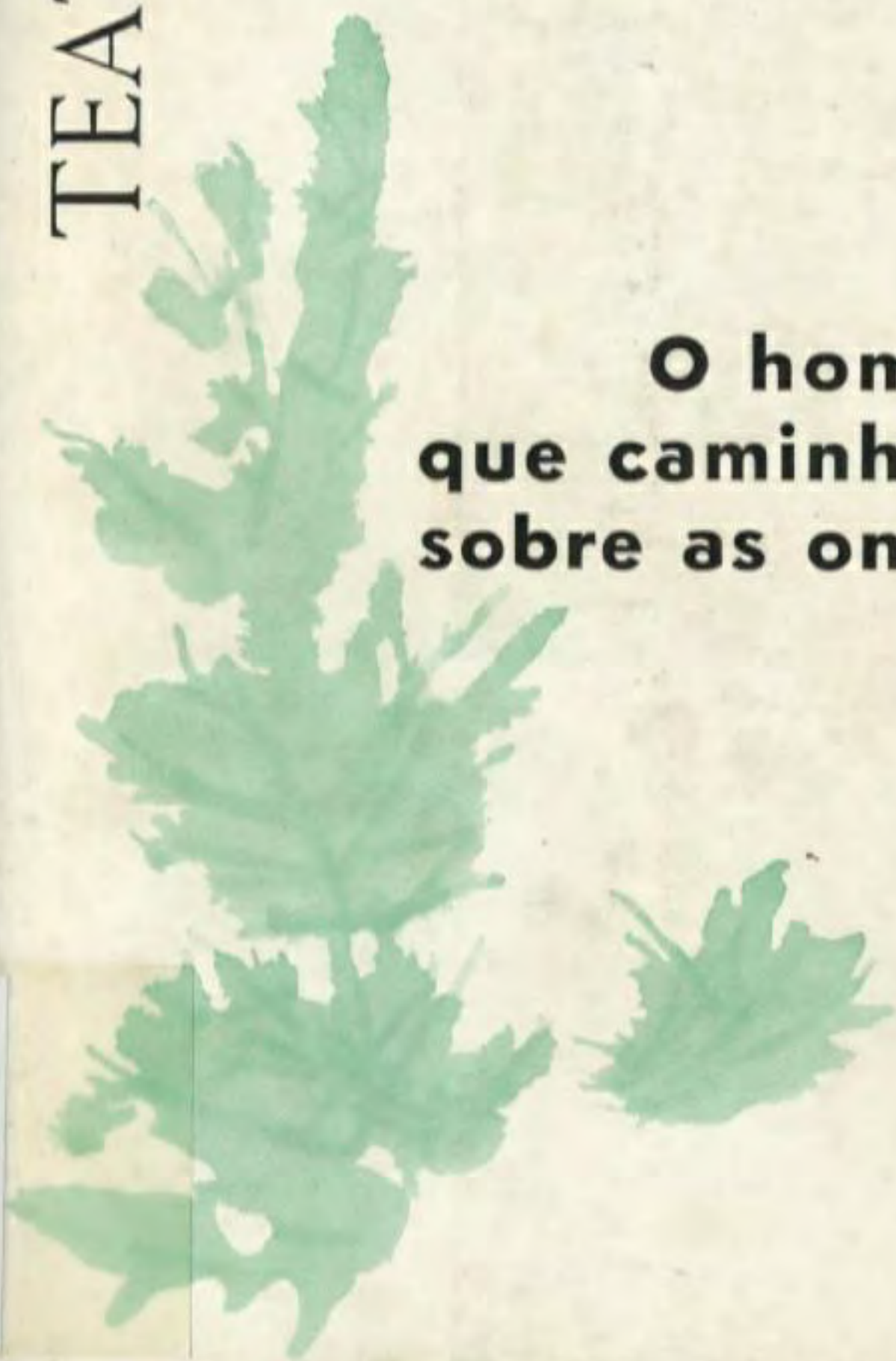


TEATRO

NORBERTO ÁVILA

**O homem
que caminhava
sobre as ondas**



NORBERTO ÁVILA

O homem que caminhava sobre as ondas

PEÇA EM 3 ACTOS



LISBOA
1 9 6 0

PERSONAGENS

MATILDE — uma mãe como tantas outras.

PAULO — que foi pescador de baleias.

DAVID — outro baleeiro (o que caminhava sobre as ondas).

JUDITE — filha de Matilde, irmã de Paulo e David.

ALEXANDRE — um rapaz que gostava de pássaros e árvores.

LÚCIA — mãe de Alexandre.

CLEMENTINA — uma mulher de setenta anos, encomendadora das almas.

1.^a MULHER DE NEGRO.

2.^a MULHER DE NEGRO.

3.^a MULHER DE NEGRO.

LUGARES DE CENA

— uma casa de pescadores, no arquipélago açoriano.

— uma habitação de madeira, numa floresta do Canadá.

TEMPO

Actualidade.

I ACTO

Quando os primeiros espectadores derem entrada na sala, começar-se-á a ouvir o bater das ondas marinhas. Primeiro, quase indistintamente; depois com maior relevo. De quando em quando, o grito das gaivotas. Música. Um largo, talvez, que nos dê a ideia de profundidade e distância. De novo o bater das ondas. As aves marinhas repetem os seus gritos. A música vem a primeiro plano, mantém-se assim algum tempo, depois começa a sumir-se, enquanto o pano sobe vagarosamente.

A cena consta de duas partes. À esquerda, cozinha em casa de Matilde, numa aldeia da beira-mar do arquipélago dos Açores. À direita, habitação de madeira, entre algumas árvores duma floresta do Canadá.

Da casa de Matilde vemos apenas duas paredes: a da esquerda e a do fundo; assim como da casa do Canadá — que fica num plano um pouco mais elevado — vemos a do fundo e a da direita. A dividir estas duas cenas, e ao mesmo nível da casa do Canadá, algumas árvo-

res da floresta que se prolonga para o fundo. Debaixo das primeiras árvores, um banco rústico — meio tronco apoiado sobre quatro paus.

A CASA DE MATILDE :—*À esquerda, junto do quadro cénico, uma escada que dá para o andar superior, e de que se vêem apenas os primeiros quatro ou cinco degraus. Ainda do lado esquerdo, e logo a seguir, porta com postigo, que deita para a rua. Imediatamente depois, a lareira, que fica um pouco mais dentro, parcialmente encoberta por um reposteiro velho e desbotado. Na parede do fundo há uma porta, que dá para um quarto de dormir. Ao lado, um pequeno armário de louça. Mais ou menos ao centro da cozinha, uma mesa, um banco comprido e algumas cadeiras.*

A CASA DA FLORESTA :—*Paredes de tábuas sobrepostas. Ao fundo, porta que deita para a floresta. Encostada à parede da direita, uma cama improvisada com tábuas e caixotes. Sobre ela, um crucifixo e uma tábua suspensa por cordéis, a servir de prateleira, com alguns frascos, um relógio-despertador e outros utensílios. Ainda na parede da direita, junto do quadro cénico, porta que dá para outro quarto da habitação.*

As indicações direita e esquerda referem-se sempre ao espectador.

Esta cena simultânea servirá para os três actos da peça.

Ao subir o pano, uma luz alaranjada, de sol poente, entra pelo postigo da porta e pela janela que se supõe existir ao cimo da escada. Matilde, mulher de sessenta anos, vestida de negro, está sentada no banco comprido. Os seus braços estão estendidos sobre a mesa; as mãos entrelaçadas; a face escondida num dos braços. Dorme.

A luz alaranjada vai-se sumindo gradualmente. Vindo do alto, um estreito foco de luz azul incide sobre a porta da rua, enquanto se ouve um violino em toda a sua suavidade.

A porta abre-se devagar, e fecha-se em seguida, como se alguém tivesse entrado. O foco de luz vai-se movendo lentamente, como se acompanhasse a «invisível personagem». A música tornou-se agora quase indistinta. Ouve-se a voz de David, em tom de súplica ou de queixume.

A VOZ DE DAVID — Mãe, há tantos dias que as baleias não passam em frente da Ilha... Parece que já não há mais baleias... Com certeza que pescámos todas as que havia no mundo. (*Pausa. A luz muda de direcção.*) Os barcos estão varados na rocha, inúteis..., e nós andamos aqui de braços caídos, sem fazer nada... (*Pausa.*) Sem fazer nada,

mãe ! — Também o Pedro Miguel estava farto desta vida... A mãe bem sabe... Agora escreveu do Canadá, dizendo que gostava de lá estar. Trabalha nas matas. Corta as árvores. (*Pausa. A luz muda novamente.*) Os irmãos dizem que vão ter com ele ; estão a preparar-se... Eles vão para o Canadá, mãe, eles vão... e eu fico aqui, de braços caídos, à espera que as baleias apareçam. — (*Novo movimento do foco luminoso.*) Se eu fosse também, tenho a certeza que seria feliz. Trabalhava, mãe, trabalhava o mais possível e ganhava muito dinheiro. Depois vinha para cá e mandava arranjar a casa, com chão novo e telhas novas. (*Pausa. Mais uma vez a luz muda de direcção.*) Não posso continuar aqui, mãe, não posso.

MATILDE — (*Sonhando.*) — És o Paulo ou o David ?

(*A porta abre-se. Entram David, Alexandre e Judite. Imediatamente, Matilde acorda e fica com os cotovelos apoiados na mesa. Deixa-se de ouvir o violino. A luz azul é substituída pela luz alaranjada do princípio da cena.*)

JUDITE — Estava a dormir, mãe ?

MATILDE — Mas o que foi isto que eu sonhei ? Ele estava aqui, meus filhos, ele estava aqui agora mesmo.

JUDITE — Ele, quem ?

MATILDE — O Paulo. — Já nem sei bem como era... Tinha entrado aquela porta. Depois... andava aqui

dum lado para o outro, de trás para diante. E dizia que se queria ir embora, que se queria ir embora, meus filhos. (*Mutação.*) Ah, mas não... Eras tu que falavas, David, eras tu...

DAVID — Eu ?

MATILDE — Lembro-me perfeitamente que era a tua voz. Mas era o Paulo que estava aqui, era o Paulo.

ALEXANDRE — Onde irá ele a esta hora ?...

JUDITE — Há sonhos tão esquisitos !...

MATILDE — Era a tua voz, David. E no entanto era o Paulo que estava aqui.

ALEXANDRE — Ora... os sonhos !

JUDITE — Pois claro, mãe. Se nos fôssemos agora a preocupar com os sonhos... (*Para David.*) Ela nestes últimos dias tem pensado muito em ti. Meteu-se-lhe na cabeça que tu queres seguir o mesmo caminho do Paulo...

DAVID — Eu ? !

JUDITE — ...e por isso agora, a sonhar, confundiu-te com ele.

DAVID — (*Brandamente, para Matilde.*) — Mas então eu já não disse à mãe que não queria sair daqui ? Se eu quisesse ir... já tinha ido...

JUDITE — Pronto, pronto. Não se fala mais nisso, não se fala mais nisso.

(*Silêncio.*)